



ANAIS DO II SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO: Os 10 anos da lei Maria da Penha e os desafios das políticas públicas transversais

UMA FEMINISTA MILITANTE: PAGU E A MULHER OPERÁRIA NO LIVRO *PARQUE INDUSTRIAL*

Camila Assis Lemes – clemes2501@hotmail.com
Marcela Rodrigues de Oliveira - thebatmars@hotmail.com
Isabela Candeloro Campoi (Orientadora) - belacampoi@hotmail.com
UNESPAR – Campus FAFIPA

Resumo: A proposta desta comunicação é problematizar o livro *Parque Industrial* publicado em 1933. Aspectos da trajetória biográfica da autora, Patrícia Galvão, a Pagu, foram levantados assim como o contexto turbulento da política nacional. Ligada ao movimento operário, seu romance de estreia tem como pano de fundo o bairro paulistano do Brás, altamente industrializado e repleto de operários e operárias. Essas últimas são foco da preocupação de Pagu. Duplamente oprimidas, por serem proletárias e por serem mulheres, as operárias se tornam protagonistas nesse romance militante de Pagu, uma vez silenciadas durante a maior parte da história. Por esse mesmo motivo torna-se interessante investigar essa obra modernista. Para isso, foi realizada a leitura do livro *Parque Industrial*, bem como outros textos que serviram de subsídio para nossa pesquisa.

Palavras-chave: feminismo, literatura, proletariado.

Introdução

Apesar dos estudos que abordem a participação da mulher no mundo do trabalho serem consideravelmente recentes no Brasil, desde os primórdios da industrialização a mão de obra feminina se fez presente. No decorrer das três primeiras décadas do século XX uma legislação trabalhista começou a ser regulamentada no país. Nesse contexto, as operárias, os movimentos trabalhistas, assim como o Estado tiveram diferentes e importantes papéis na regulamentação, de acordo com Giselle Martins Venâncio (2001). Num rápido panorama dos primeiros trinta anos do século XX, podemos conferir que as primeiras exigências relacionadas à questão do trabalho feminino surgem na primeira década, são acentuadas e discutidas com mais vigor na segunda, e encontram seu auge e concretização nos anos 1930, período conturbado em todo o mundo. Com os acontecimentos internacionais - Primeira Guerra Mundial e crise de 1929 - a exportação de café, uma das principais fontes



ANAIS DO II SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO: **Os 10 anos da lei Maria da Penha e os desafios das políticas públicas transversais**

econômicas da chamada República Velha, diminuí consideravelmente, então se faz necessário investir na industrialização, que crescia paulatinamente desde o final do século XIX. Como conseqüências, percebemos também os reflexos sociais da urbanização:

As grandes cidades resultam do acelerado processo de industrialização que, assinalando o ingresso na modernidade, não fez senão acentuar a clivagem dos abismos sociais (CHAVES, 1994, p. 8)

Foi nesse contexto que o livro *Parque Industrial* foi escrito. Publicado em 1933, o cenário retratado era justamente esse: cidades industrializadas, exploração e desigualdades sociais. Patrícia Galvão (1910-1962), mais conhecida como Pagu, viveu todas essas transformações. Comumente associada à Semana de Arte Moderna de 1922, Pagu relacionou-se com figuras do movimento modernista, apesar de não ter participado do emblemático evento (afinal, tinha apenas 12 anos). Porém, outro acontecimento de 1922 atraiu Pagu e definiu seus passos: a fundação do Partido Comunista do Brasil. Por tornar-se uma militante comunista, foi a primeira mulher a ser presa por motivação política no Brasil durante o Estado Novo, a ditadura de Vargas (1937-1945). Conforme relato da autora, a prisão parece ter sido um divisor de águas:

Perturbada, desde esse dia, resolvi escravizar-me espontaneamente, violentamente. O marxismo. A luta de classes. A libertação dos trabalhadores. Por um mundo de verdade e de justiça. Lutar por isto valia uma vida. Valia a vida. (GALVÃO, 2005, p. 81)

Entretanto, sua preocupação foi dupla: ao passo que vivia pela luta de classes, também se indignava com a condição social das operárias, que sofriam não somente com a hierarquia social, mas também com a hierarquia de gênero. Portanto, *Parque Industrial* (1933) pode ser analisado tanto pelo viés feminista, como pelo viés proletário - proposta dessa comunicação.



ANAIS DO II SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO: **Os 10 anos da lei Maria da Penha e os desafios das políticas públicas transversais**

Materiais e métodos

A partir da leitura do romance *Parque Industrial* publicado originalmente em 1933 e de um breve levantamento da trajetória biográfica da escritora Patrícia Galvão, realizou-se a problematização da condição das mulheres operárias no Brasil dos anos 1930.

Resultados e Discussão

É de consenso entre as historiadoras que o feminismo no Brasil, e também nas sociedades ocidentais, teve dois momentos auge. O primeiro, chamado primeira onda, desenvolve-se no contexto da Proclamação da República (1889) e o segundo, conhecida como segunda onda, nos anos 1960-1970, período marcado pela contracultura. Iremos nos ater à primeira onda do feminismo, que gira em torno do movimento sufragista. Conforme Dagmar Meyer:

Basicamente, naquele período histórico, se poderia fazer referência a um feminismo liberal ou burguês, que se engajou mais na luta pelo direito ao voto e pelo acesso ao ensino superior, a um feminismo que se aliou aos movimentos socialistas que lutava, pela formação de sindicatos e por melhores condições de trabalho e salário, e a um feminismo anarquista que articulou a agenda pelo direito à educação questões como o direito de decidir sobre próprio corpo e sua sexualidade. (MEYER, 2010, p. 12)

Na análise da obra em questão, fica bastante claro o posicionamento de Patrícia Galvão em relação às vertentes feministas, bem como suas críticas particulares. A obra é dividida em capítulos e subcapítulos que não se prendem à linearidade, mas comportam-se como pinturas de uma mesma exposição, ou, para uma analogia mais certa, peças de uma engrenagem que garante o funcionamento de um todo. De forma inversa são apresentados os personagens. Uma vez despersonalizados, como máquinas no cenário industrial, ganham forma, vontades, medos, cores, dores e nomes (às vezes, com sobrenomes desconhecidos) através da sensibilidade e consciência de classe de Patrícia Galvão.



ANAIS DO II SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO: Os 10 anos da lei Maria da Penha e os desafios das políticas públicas transversais

As seis têm olhos diferentes. Corina, com dentes que nunca viram dentista, sorri lindo, satisfeita. É a mulata do atelier. Pensa no amor da baratinha que vai passar para encontrá-la de novo à hora da saída. Otávia trabalha como um autômato. Georgina cobiça uma vida melhor. Uma delas, numa crispação de dedos picados de agulha que amarrotam a fazenda. – Depois dizem que não somos escravas. (GALVÃO, 1994, p. 25)

Nesse romance urbano, o foco é na condição das operárias numa sociedade industrializada e desigual. Temas como prostituição, gravidez, aborto, maternidade, desamparo e sexualidade são retratados. Tudo em torno e dentro das fábricas – elo que une as diferentes personagens.

Buscando aliar o feminismo com a luta de classes, a militante Pagu não se posiciona apenas como uma feminista socialista, mas também estabelece críticas ao feminismo burguês, o qual considerava elitista. Ironicamente, refere-se às suas adeptas como “as emancipadas, as intelectuais e as feministas que a burguesia de São Paulo produz” (GALVÃO, 1994, p.68): - O voto para as mulheres está conseguido! É um triunfo! - E as operárias? - Essas são analfabetas. Excluídas por natureza. (GALVÃO, 1994, p. 69). Esse trecho é importante, pois ilustra bem a preocupação de Pagu em escrever como arma de denúncia e luta pelas mulheres proletárias, duplamente oprimidas: seja pelo sistema sexista, seja pelo sistema explorador capitalista.

Dentro das fábricas, a denúncia vai desde os maus tratos designados às mulheres [“É por isso que o trabalho não rende! Sua vagabunda!” (GALVÃO, 1994, p.19)] até os abusos cometidos pelos patrões: “Acabam de me despedir da fábrica, sem nenhuma explicação nem motivo. Por que me recusei a ir ao quarto do chefe” (GALVÃO, 1994, p. 91). Outro assunto abordado na obra é o tema da gravidez. Apesar da regulamentação da licença maternidade, discutida na Câmara desde 1917 (VENÂNCIO, 2001, p.184), Pagu nos mostra em seu romance proletário que nem sempre isso era cumprido. Uma das personagens, Corina, operária que engravida, é demitida e passa por diversas situações que a levam à prostituição. Como uma *Fantine* de Vitor Hugo à *brasileira*, onde



ANAIS DO II SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO: **Os 10 anos da lei Maria da Penha e os desafios das políticas públicas transversais**

miserable é o Brás, a “mulata” Corina sofre na pele o machismo e o abandono da sociedade: “Conta-lhe como saíra da Vila Simione. Não quisera abortar. Madame a pusera para fora do emprego (...) No dia seguinte, um sujeito lustroso a leva para um bordel do Brás” (GALVÃO, 1994, p. 48-49). Com uma escrita corrosiva, Pagu reconhece que a opressão de gênero transcende e perpassa a luta de classes: “Para ela só há uma crise. A crise dos sexos que invade todo o bairro operário” (GALVÃO, 1994, p. 102).

Considerações Finais

Podemos conferir que *Parque Industrial* é o retrato de sua época. É considerado o primeiro romance proletário da literatura brasileira e ganhou esta definição por privilegiar o espaço fabril e apresentar curiosas personagens, oprimidas em relação ao gênero e à classe social. Mais do que um romance de denúncia ao gosto modernista, *Parque Industrial* encarna em si a panfletagem inerente em uma autora militante que dedicou sua vida à luta pelo proletariado, produzindo uma literatura militante e feminista. Ao dar voz a personagens femininas revolucionárias, a autora estabelece nesta obra um chamado de denúncia da condição das mulheres operárias. É por isso que *Parque Industrial* é também uma experiência política, não só de denúncia, mas de combate.

Referências

CHAVES, Flávio Loureiro. **Pagu e a Experiência da Linguagem**. IN GALVÃO, Patrícia. *Parque Industrial*. 3. Ed. - Porto Alegre: Mercado Aberto; São Paulo, EDUFSCar.

GALVÃO, Patrícia. **Parque Industrial**. 3. Ed. - Porto Alegre: Mercado Aberto; São Paulo, EDUFSCar, 1994. 104 p.

_____, **P. Paixão Pagu – A Autobiografia precoce de Patrícia Galvão**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

MEYER, Dagmar. **Gênero e Educação: Teoria e Política**. IN Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Vários autores. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

VENÂNCIO, G. M. **Lugar de Mulher é... na fábrica; Estado e Trabalho Feminino no Brasil (1910-1934)**. In: História Questões e Debates. Curitiba: Editora da UFRP, 2001.